

MARIO VARGAS LLOSA

Cinco Esquinas

TRADUÇÃO

Paulina Wacht e Ari Roitman

ALFAGUARA



Copyright © 2016 by Mario Vargas Llosa

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original
Cinco esquinas

Capa
Thiago Lacaz

Foto de Capa
Jerome Tisne/ Getty Images

Preparação
Eduardo Rosal

Revisão
Nina Rizzo
Carmen T. S. Costa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Vargas Llosa, Mario
Cinco esquinas / Mario Vargas Llosa ; tradução
Paulina Wacht e Ari Roitman. – 1ª ed. – Rio de Janeiro :
Alfaguara, 2016.

Título original: *Cinco esquinas*.
ISBN 978-85-5652-022-7

I. Romance peruano I. Título.

16-05741

CDD-pe863.4

Índice para catálogo sistemático:

I. Romances : Literatura peruana pe863.4

[2016]

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ S.A.
Rua Cosme Velho, 103
22241-090 — Rio de Janeiro — RJ
Telefone: (21) 2199-7824
Fax: (21) 2199-7825
www.objetiva.com.br

Para Alonso Cueto

Cinco Esquinas é uma obra de ficção na qual o autor se inspirou para a criação de alguns personagens, na personalidade de seres autênticos com os quais esses personagens também compartilham o nome, embora sejam tratados ao longo de todo o livro como seres de ficção. Em todos os momentos o autor assumiu liberdade absoluta no relato, sem que os fatos narrados correspondam à realidade.

Sumário

I. O sonho de Marisa	7
II. Uma visita inesperada	15
III. Fim de semana em Miami	21
IV. O empresário e o advogado	29
V. O covil das fofocas	35
VI. Uma ruína do mundo do espetáculo	43
VII. A agonia de Quique	50
VIII. A Baixinha	58
IX. Um negócio singular	64
X. Os Três Piadistas	71
XI. O escândalo	78
XII. Refeitório popular	88
XIII. Uma ausência	95
XIV. Desarranjos e arranjos conjugais	106
XV. A Baixinha está com medo	115
XVI. O latifundiário e a chinesinha	124

xvii. Estranhas operações em torno de Juan Peineta	134
xviii. A noite mais longa do engenheiro Cárdenas	146
xix. A Baixinha e o poder	152
xx. Um redemoinho	166
xxi. Edição extra da <i>Revelações</i>	192
xxii. Happy end?	204

I. O sonho de Marisa

Tinha acordado ou continuava sonhando? Aquele calorzinho no peito do pé direito continuava lá, uma sensação estranha que arrepiava todo o seu corpo e lhe revelava que não estava sozinha naquela cama. As lembranças vinham à sua cabeça em tropel, mas iam se organizando como palavras cruzadas preenchidas lentamente. Depois do jantar elas tinham ficado alegres e um pouco altas com o vinho, passando do terrorismo aos filmes e às fofocas sociais, quando, de repente, Chabela olhou o relógio e imediatamente se levantou, pálida: “O toque de recolher! Meu Deus, não vai dar mais tempo de chegar a La Rinconada! Como passou o tempo!”. Marisa insistiu que ficasse e dormisse com ela. Não havia problema, Quique tinha ido a Arequipa para uma reunião da diretoria no dia seguinte cedo na cervejaria, elas eram donas do apartamento no Golfe. Chabela ligou para seu marido. Luciano, sempre tão compreensivo, disse que não se preocupasse, ele se encarregaria de que as duas meninas fossem pontualmente esperar o ônibus do colégio. Que Chabela ficasse mesmo na casa de Marisa, era bem melhor que ser parada na rua por uma patrulha, se infringisse o toque de recolher. Maldito toque de recolher. Mas, claro, o terrorismo era pior.

Chabela dormiu com ela e, agora, Marisa sentia a sola do pé da amiga no peito do seu pé direito: uma leve pressão, uma sensação suave, morna, delicada. Como foi que as duas acabaram tão perto uma da outra naquela cama de casal tão vasta que, quando a viu, Chabela brincou: “Escute aqui, Marisita, você pode me dizer quantas pessoas dormem nesta cama gigante?”. Lembrou que tinham se deitado cada uma em seu canto, separadas no mínimo por meio metro de distância. Qual delas tinha se mexido tanto no sono que agora o pé de Chabela estava pousado sobre o seu?

Não se atrevia a fazer nenhum movimento. Continha a respiração para não acordar a amiga, para que ela não tirasse o pé acabando com aquela sensação tão agradável que se expandia do peito do seu pé para o resto do corpo e a deixava tensa e concentrada. Devagarzinho foi divisando, nas trevas do quarto, umas réstias de luz nas persianas, a sombra da cômoda, a porta do closet, a do banheiro, os retângulos dos quadros nas paredes, o deserto com a serpente-mulher de Tilsa, a câmara com o totem de Szyszlo, o abajur de pé, a escultura de Berrocal. Fechou os olhos e escutou: muito fraca, mas compassada, aquilo era a respiração de Chabela. Estava dormindo, talvez sonhando, e então tinha sido ela mesma, sem dúvida, quem se aproximou do corpo da amiga durante o sono.

Surpresa, envergonhada, perguntando outra vez se estava acordada ou sonhando, Marisa afinal tomou consciência daquilo que seu corpo já sabia: estava excitada. Aquela sola delicada aquecendo o peito do seu pé lhe havia acendido a pele e os sentidos e agora, com certeza, se passasse a mão entre as pernas estaria molhadinha. “Você ficou doida?”, perguntou a si mesma. “Ficar excitada com mulher? Desde quando, Marisita?” Tinha se excitado sozinha muitas vezes, naturalmente, e também se masturbava uma vez ou outra roçando uma almofada entre as pernas, mas sempre pensando em homens. Pelo que se lembrava, em mulher nunca, jamais! No entanto, agora estava excitada, tremendo da cabeça aos pés e louca de vontade de que estivessem se tocando não apenas os pés, mas também as outras partes do corpo, e ela sentisse em toda a pele, tal como no peito do pé, a proximidade e a tepidez da sua amiga.

Mexendo-se suavissimamente, com o coração aos pulos, simulando uma respiração semelhante à do sono, Marisa virou-se um pouco, de tal modo que, embora sem tocá-la, sentiu que agora sim estava a poucos milímetros das costas, das nádegas e das pernas de Chabela. Ouvia melhor sua respiração e teve a impressão de sentir um alento recôndito que emanava daquele corpo tão próximo, chegava até ela e a envolvia. A despeito de si mesma, como se não se desse conta do que estava fazendo, moveu lentamente a mão direita e pousou-a na coxa da amiga. “Bendito toque de recolher”, pensou. Sentiu o coração acelerando: Chabela ia acordar, ia empurrar sua

mão: “Tire, não me toque, você ficou maluca?, o que está havendo?”. Mas Chabela não se mexia e parecia continuar mergulhada num sono profundo. Sentiu-a inspirar, expirar, teve a impressão de que aquele ar vinha até ela, entrava por seu nariz e sua boca e aquecia suas vísceras. De vez em quando, no meio de sua excitação, que absurdo, pensava no toque de recolher, nos apagões, nos sequestros — principalmente o de Cachito — e nas bombas dos terroristas. Que país, que país!

Debaixo de sua mão, a superfície da coxa era firme e suave, ligeiramente úmida, talvez de suor ou algum creme. Será que antes de se deitar Chabela havia passado um dos cremes que Marisa tinha no banheiro? Não a vira tirar a roupa; deu à amiga uma camisola sua, muito curta, e ela foi se trocar no closet. Quando Chabela voltou, já estava de camisola; era uma camisola semitransparente, que deixava de fora os braços e as pernas e um começo de nádega, e Marisa lembra que pensou: “Que corpo bonito, como está conservada apesar das duas filhas, é a academia três vezes por semana”. Continuou avançando milimetricamente, ainda com o temor crescente de acordar a amiga; agora, apavorada e feliz, sentia que, por instantes, na cadência das respectivas respirações, fragmentos de coxa, de nádega, de pernas das duas se roçavam e, imediatamente, se afastavam. “Ela vai acordar agora mesmo, Marisa, você está fazendo uma loucura.” Mas não recuava e continuava à espera — o que estava esperando? —, como que em transe, do próximo toque fugaz. Sua mão direita continuava pousada na coxa de Chabela, e Marisa percebeu que tinha começado a suar.

Então a amiga se mexeu. Ela pensou que seu coração ia parar. Parou de respirar por alguns segundos; fechou os olhos com força, fingindo dormir. Chabela, sem sair do lugar, tinha levantado o braço, e agora Marisa sentia a mão dela pousada sobre a sua que estava na coxa. Iria tirá-la dali com um safanão? Não, pelo contrário, com suavidade, pode-se dizer que com carinho, Chabela, entrelaçando seus dedos com os dela, agora arrastava sua mão, pressionando-a um pouco contra a pele, em direção à virilha. Marisa não acreditava no que estava acontecendo. Sentiu nos dedos da mão capturada por Chabela os pelos de um púbis ligeiramente erguido e a fenda enchar-

cada, palpitante, contra a qual ela a apertava. Tremendo da cabeça aos pés, Marisa se inclinou, encostou os seios, a barriga, as pernas nas costas, nas nádegas e nas pernas da amiga, enquanto esfregava seu sexo com os cinco dedos, tentando localizar o pequeno clitóris, escavando, separando os lábios molhados daquele sexo avolumado pela ansiedade, sempre guiada pela mão de Chabela, que sentia estar tremendo também, acoplando-se ao seu corpo, ajudando a amiga a se enredar e se fundir nela.

Marisa enfiou o rosto na selva de cabelo que ia afastando com movimentos de cabeça, até encontrar o pescoço e as orelhas de Chabela, e agora os beijava, lambia e mordiscava com leite, sem pensar em mais nada, cega de felicidade e de desejo. Alguns segundos ou minutos depois, Chabela tinha se virado e ela própria procurava a sua boca. Beijaram-se com avidez e desespero, primeiro nos lábios, depois abrindo as bocas, e confundindo as línguas, intercambiando saliva, enquanto as mãos de uma tiravam — arrancavam — a camisa da outra até ficarem nuas e entrelaçadas; rolavam para um lado e para o outro, acariciando-se os seios, beijando-os, e depois as axilas e as barrigas, cada uma manuseando o sexo da outra e sentindo-os palpitar num tempo sem tempo, infinito e intenso.

Quando Marisa, atordoada, saciada, sentiu que caía, sem poder evitar, num sono irresistível, ainda chegou a pensar que durante toda aquela extraordinária experiência que havia acabado de acontecer nem ela nem Chabela — que agora também parecia dominada pelo sono — disseram uma palavra. Quando estava mergulhando num vazio sem fundo pensou de novo no toque de recolher e teve a impressão de ouvir uma explosão distante.

Horas depois, quando Marisa acordou, a luz cinzenta do dia entrava no quarto, filtrada pelas persianas, e ela estava sozinha na cama. A vergonha a fez tremer da cabeça aos pés. Tinha acontecido mesmo tudo aquilo? Não era possível, não, não. Mas sim, claro que tinha acontecido. Então ouviu um barulho no banheiro e, assustada, fechou os olhos, fingindo dormir. Depois os entreabriu e, através das pestanas, divisou Chabela já vestida e arrumada, pronta para sair.

— Marisita, mil desculpas, acordei você — ouviu-a dizer, com a voz mais natural do mundo.

— Que ideia — balbuciou, convencida de que quase não se ouvia a sua voz. — Já vai? Não quer tomar café antes?

— Não, coração — respondeu a amiga: sua voz não tremia nem parecia constrangida; estava como sempre, sem o menor rubor na face e um olhar absolutamente normal, sem um pingo de malícia nem de picardia em seus grandes olhos escuros, e com o cabelo preto um pouco desarrumado. — Vou correndo para ver as meninas antes de saírem para a escola. Obrigada pela hospitalidade. Depois nos falamos, um beijinho.

Jogou-lhe um beijo da porta do quarto e foi embora. Marisa se encolheu, se espreguiçou, esteve a ponto de levantar, mas voltou a se encolher e se cobriu com o lençol. Claro que tinha acontecido, e a melhor prova é que ela estava nua, e sua camisola, amarrotada e meio para fora da cama. Levantou o lençol e riu ao ver que a camisola que tinha emprestado a Chabela também estava lá, um volumezinho ao lado dos seus pés. Uma risada que se interrompeu de repente. Meu Deus, meu Deus. Estava arrependida? Em absoluto. Que presença de espírito da Chabela! Será que já tinha feito coisas assim antes? Impossível. Elas se conheciam fazia muito tempo, sempre contavam tudo uma à outra, se Chabela alguma vez tivesse vivido uma aventura desse tipo teria lhe confessado. Ou quem sabe não? Mudaria alguma coisa a amizade das duas? Claro que não. Chabelita era sua melhor amiga, mais que uma irmã. Como seria a relação entre elas dali em diante? A mesma de sempre? Agora dividiam um enorme segredo. Meu Deus, meu Deus, ainda não acreditava que aquilo tinha acontecido. Durante toda a manhã, enquanto tomava banho, se vestia, tomava café, dava instruções à cozinheira, ao mordomo e à arumadeira, revoavam em sua cabeça as mesmas perguntas: “Você fez mesmo o que fez, Marisita? E se Quique soubesse que ela e Chabela fizeram o que fizeram? Ficaria zangado? Faria uma cena de ciúmes como se tivesse sido traído com um homem? Mas ia contar a ele?”. Não, nunca na vida, ninguém podia saber disso, que vergonha. Por volta do meio-dia, quando Quique chegou de Arequipa trazendo para ela os habituais docinhos da La Ibérica e um saco de pimenta rocoto, enquanto o beijava e perguntava como tinha sido a reunião na cervejaria: “Bem, bem, gringuinha, decidimos parar de mandar

cerveja para Ayacucho, a conta não fecha, as quantias que os terroristas e os pseudoterroristas nos pedem estão nos arruinando”, ela continuava se perguntando: “Por que será que Chabela não tocou no assunto e saiu daqui como se nada houvesse ocorrido? Por que podia ser, sua boba. Porque ela também estava morrendo de vergonha, não queria se dar por aludida e preferia fingir, como se nada tivesse acontecido. Mas, sim, tinha acontecido, Marisita. Será que voltaria a acontecer algum dia, ou nunca mais?”.

Passou a semana toda sem coragem de ligar para Chabela, esperando ansiosa que ela telefonasse. Que estranho! As duas nunca tinham passado tantos dias sem se ver nem se falar. Ou quem sabe, pensando bem, não era tão estranho: devia sentir-se tão constrangida quanto ela, e na certa esperava que Marisa tomasse a iniciativa. Será que ficou zangada? Mas por quê? Não foi Chabela quem deu o primeiro passo? Ela só havia posto a mão na sua perna, podia ser um gesto casual, involuntário, sem má intenção. Foi Chabela quem pegou sua mão e a fez tocar lá e masturbá-la. Que audaciosa! Quando chegava a esse pensamento sentia uma vontade louca de rir e um ardor nas bochechas que já deviam estar vermelhíssimas.

Ficou assim o resto da semana, meio distraída, concentrada nessa lembrança, quase sem notar que seguia a rotina fixada pela sua agenda, as aulas de italiano na casa de Diana, o chá de panela da sobrinha de Margot que finalmente ia se casar, dois jantares de trabalho com sócios de Quique que incluíam as esposas, a visita obrigatória aos seus pais para tomar um chá, o cinema com a prima Matilde, um filme a que não prestou a menor atenção porque aquilo não lhe saía da cabeça nem por um instante e, às vezes, ainda se perguntava se não teria sido um sonho. E um almoço com as colegas de colégio e a inevitável conversa, que acompanhava parcialmente, sobre o pobre Cachito, sequestrado quase dois meses antes. Diziam que um especialista da companhia de seguros viera de Nova York para negociar o resgate com os terroristas e que a pobre Nina, a mulher dele, estava fazendo terapia para não enlouquecer. Andava tão avoada que, numa daquelas noites, estava fazendo amor com Enrique e de repente viu que o marido tinha perdido o entusiasmo e dizia: “Não sei o que está havendo, gringuinha, acho que em dez anos de casamento nunca

vi você tão sem sal. Será por causa do terrorismo? Vamos dormir, é melhor”.

Na quinta-feira, exatamente uma semana depois daquilo que tinha ou que não tinha acontecido, Enrique voltou do escritório mais cedo que o habitual. Foram tomar um uísque sentados na varanda, contemplando o mar de luzinhas de Lima aos seus pés e falando, naturalmente, do assunto que obcecava todos os lares naqueles dias, os atentados e sequestros do Sendero Luminoso e do Movimento Revolucionário Túpac Amaru, os apagões de quase todas as noites, provocados por explosões em torres elétricas que deixavam nas trevas bairros inteiros da cidade, e as detonações com que os terroristas acordavam os limenhos à meia-noite e ao amanhecer. Estavam lembrando que daquela mesma varanda tinham visto, alguns meses antes, se acenderem no meio da noite, num dos morros do contorno, umas tochas formando uma foice e um martelo, como profecia do que iria acontecer se os senderistas ganhassem a guerra. Enrique dizia que a situação estava ficando insustentável para as empresas, as medidas de segurança aumentavam os custos enlouquecedoramente, as companhias de seguros pretendiam continuar elevando os prêmios e, se os bandidos conseguissem o que queriam, em pouco tempo o Peru iria chegar à situação da Colômbia, onde os empresários, afugentados pelos terroristas, pelo visto estavam se transferindo em massa para o Panamá e Miami, a fim de tocar seus negócios de lá. Com todas as complicações, despesas extras e prejuízos que isso implica. E estava dizendo justamente “Talvez nós também tenhamos que ir para o Panamá ou Miami, amor” quando Quintanilla, o mordomo, apareceu na varanda: “A dona Chabela, senhora”. “Passe a ligação para o meu quarto”, disse ela e, ao se levantar, ouviu que Quique lhe dizia: “Diga a Chabela que qualquer dia destes vou combinar com Luciano um encontro de nós quatro, gringuihã”.

Quando se sentou na cama e pegou o telefone, suas pernas tremiam. “Alô, Marisita?”, ouviu e disse: “Que bom que você ligou, eu estava quase doida com tanta coisa para fazer, ia lhe telefonar amanhã cedinho”.

— Estive de cama com uma gripe fortíssima — disse Chabela —, mas já está passando. Com muita saudade, coração.

— Eu também — respondeu Marisa. — Acho que nunca antes tínhamos passado uma semana sem nos ver, não é mesmo?

— Estou telefonando para lhe fazer um convite — disse Chabela. — E fique sabendo que não vou aceitar recusas. Eu tenho que ir a Miami por dois ou três dias, surgiram uns problemas no apartamento da Brickell Avenue que preciso resolver pessoalmente. Vamos juntas, por minha conta. Já tenho passagens para nós duas, saíram de graça com a milhagem acumulada. Podemos ir quinta à meia-noite, passamos lá a sexta e o sábado, e voltamos no domingo. Não me diga que não porque vou ficar mortalmente ofendida, amor.

— Mas claro que eu vou, feliz da vida — disse Marisa; parecia que a qualquer momento seu coração ia pular boca a fora. — Vou falar com Quique agorinha mesmo, se ele fizer qualquer objeção eu peço o divórcio. Obrigada, coração. Que bom, que bom, adorei a ideia.

Desligou e continuou sentada na cama por mais alguns momentos, até se acalmar. Foi invadida por uma sensação de bem-estar, uma incerteza feliz. Aquilo tinha acontecido, e agora ela e Chabela iam para Miami na quinta-feira e durante três dias poderiam esquecer os sequestros, o toque de recolher, os apagões e todo esse pesadelo. Quando voltou para a varanda, Enrique brincou: “Quem ri à toa não pensou coisa boa. Pode-se saber por que seus olhos estão brilhando assim?”. “Não conto, Quique”, flertou ela com o marido, passando os braços em volta do seu pescoço. “Não vou contar nem morta. Chabela me convidou para passar três dias em Miami com ela e eu disse que se você não deixar, eu me divorcio.”